



Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; G. Castello Branco, G. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma Gervasio Lobato; D. G. Torrexão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, et:

SUMMARIO

TEXTO: *Chronica*, por Santilhana.—*A Pesca da sardinha*, por Pinheiro Chagas.—*O amor vingado*, conto, por D. Guiomar Torrexão.—*Os destinos*, soneto, por Alberto Osorio de Castro.—*Historia de quinze annos*, por Alberto T. Ues.—*As nossas gravuras*;—*Em familia (passatempo)*—*Um conselho por semana*;—*A rir*;—*Um conto a Mim*, por Eduardo de Sequeira.—*A candura jem nina*, trad. de Vidigal Salgado

GRAVURAS: José Silvestre Ribeiro.—*Dr Luiz Jardim*—*O novo ministerio brasileiro*.—*Virgínio salva a honra de sua filha*, malando a—*Carcassona*.

CHRONICA

A Chronica, hoje, pede licença para não se intrometter nas coisas de casa, para não deslindar questões de familia, para não se referir a factos occorridos de portas a dentro com uma feição puramente indigena, tendo um *cachet* verdadeiramente nacional.

Em vez de dar prosa da sua lavra, contando como o illustre deputado sr. Arroyo voltou ao seio do partido regenerador depois de curta ausencia; em vez de dizer como foi que Lisboa se converteu n'um pinhal da Azambuja, onde cada qual rouba e esfaquêa o proximo, em pleno dia, com o assentimento da policia; em lugar de bradar no deserto, pedindo agua ao sr. Pinto Coelho, a Chronica prefere reproduzir um bello artigo do *Gaulois* ácerca da sympathica rainha-regente de Hespanha, que o povo catalão acaba de acolher entusiasticamente, fazendo-lhe subir do coração aos olhos as primeiras lagrimas de alegria, que ella talvez derrama depois da sua viuvez prematura.

E' notavel este artigo, é sobretudo verdadeiro na essencia, e por isso o damos, no que os nossos leitores teem muitissimo a lucrar.

Fica para a outra vez a resenha dos acontecimentos caseiros.

Eis o artigo:

«A chegada da rainha regente de Hespanha a Barcelona e as proporções desusadas que o gabinete de Madrid deu a esta viagem, com a cumplicidade graciosa da maioria das potencias europeas, tudo contribue para chamar a attenção publica sobre a figura original, distincta e verdadeiramente interessante da joven senhora que hoje preside aos destinos do povo hespanhol. D. Christina não é uma d'essas figuras que impressionam de alto ou de longe o observador; n'ella, as qualidades



JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

de espirito e de coração carecem de brilho e de relevo; ao contrario, manifestam-se com discripção, e é preciso vel as de perto para as conhecer. Mas depois de conhecidas, captivam-nos profundamente e não nos captivam só: encantam-nos.

A rainha regente, Christina, conta hoje pouco menos de trinta e um annos. E' uma princeza d'Austria, filha do archiduque Carlos-Fernando. Mas ha tantos archiducos e archiducuezas na côrte de Vienna, que se pode ser condemnado, com este titulo, á existencia mais ignorada, senão á mais ingrata. Tem-se um logar nos degraus do throno, está-se submettido á etiqueta rigorosa da casa imperial, mas as mais das vezes, os rendimentos são menos que modestos para occorrer aos gastos de representação inevitaveis. Partilham-se todos os inconvenientes da grandeza, sem se dispôr d'uma unica das vantagens que ella pode conferir.

Como foi que a archiducueza Christina se tornou rainha regente de Hespanha? E' esta uma historia que tem mais de politica, que de romance, e que parece arrancada ás memorias da condessa d'Aulnay.

O fallecido rei Affonso XII, casado a 23 de janeiro de 1873 com uma filha do duque de Montpensier, enviuvou a 26 de junho seguinte, no fim de cinco mezes d'uma lua de mel que assim acabava por uma catastrophe. A rainha Mercedes possuia o coração inteiro de seu marido; a sua morte foi, portanto, um lato irreparavel para o rei sobrevivente, e tambem para a Hespanha, que não amava apenas o joven rei e a joven rainha, mas que os admirava d'uma forma extraordinaria.

Viuvo aos vinte e um annos, e sem herdeiro, Affonso XII, cedendo ás exigencias da razão d'Estado, teve que casar segunda vez. Mal lhe deram tempo para chorar aquella que acabava de descer ao tumulo, e, pelos fins de 1879, o rei Affonso desposava, em segundas nupcias, a archiducueza Christina. Ella tinha vinte e um annos; elle era mais velho que ella treze ou quatorze mezes apenas.

Os começos d'esta união fôrão penosos. Sentia-se que só a politica tinha presidido ao enlace. No coração do rei existia sempre a lembrança da sua primeira mulher; as distracções, o esquecimento, não podiam vir lhe da segunda; pelo menos, assim o dizia, em voz alta, a sociedade de Madrid, não receiando ferir as mais justas susceptibilidades da nova Rainha. O *ménage* era frio; frigidissimos os sorrisos e as caricias permutadas. A cidade e a côrte não exigiam da rainha Christina senão que ella desse um herdeiro á corôa de Hespanha.

Começou então um drama commovedor e terrivel. A 12 de setembro de 1880, a rainha Christina dava pela primeira vez á luz... uma infanta! A 13 de novembro de 1882, tornava a dar á luz... uma princeza! E durante este tempo, a saude do rei Affonso começava já a declinar, a declinar.

De subito, em meados do verão de 1885, principiam a espalhar-se no publico boatos sinistros. O peito do soberano fôra atacado, e de forma a inquietar profundamente os homens da sciencia, a tornar impossivel a cura. Faça-se esta justiça aos medicos: sendo impotentes para curarem os enfermos, são admiraveis para diagnosticar as doencas. O diagnostico não falhou, e Affonso XII falleceu a 25 de novembro de 1885.

O rei deixava duas infantas; deixava uma viuva, mas a viuva estava grávida de tres mezes! A humanidade é assim feita; ninguem pensou na dôr da desventurada soberana, no isolamento medonho em que a viuvez vinha mergulhar, em pleno Madrid, uma rainha d'origem austriaca, que fallava mais facilmente a lingua allemã que a lingua hespanhola. O que preocupava o mundo politico, a sociedade e o povo era a questão de saber a que sexo pertenceria a pequenina creatura que a rainha trazia nas entranhas. Se fosse ainda uma princeza, a decepção do

povo seria enorme e a situação da rainha tornar-se-hia das mais falsas, irremediavelmente falsa. Mas se fosse um principe, oh! então, os destinos da joven soberana tomariam logo um outro rumo!

Os votos de D. Christina e do povo hespanhol fôrão attendidos. A 17 de maio de 1886, no meio da anciedade geral, a rainha deu á luz um principe, que foi immediatamente proclamado sob o nome d'Affonso XIII, ficando sua mãe regente do reino.

A partir d'este dia, a rainha Christina foi verdadeiramente adoptada pela Hespanha; não se vio mais n'ella a estrangeira conduzida a Madrid por combinações que a morte havia frustrado. A rainha foi considerada como o sustentaculo da dynastia, e recebeu, nos respeitos e sympathias de todos, a consagração da sua feliz maternidade.

Então, tudo mudou completamente para ella e em volta d'ella. Esquecida na vespera, desdenhada talvez, subio sem transição á cathegoria de soberana, no sentido classico da palavra.

A sua figura é conhecida: não brilha nem pela belleza, nem pela elegancia. Fria, timida, acanhada, não provoca enthusiasmos. Mas a mãe d'Affonso XIII, transformou a viuva d'Affonso XII, e é hoje a mais alta authoridade, a unica authoridade de Hespanha.

E até a sua nacionalidade estrangeira lhe tem servido maravilhosamente nas funcções complicadissimas que exerce. Hespanhola, seria necessariamente d'um partido, tendo as predilecções, antipathias, enthusiasmos e repugnancias, que são o grande escolho dos reis constitucionaes. Estrangeira, escapa a esse perigo. Auxiliada por um bom senso impecavel, collocada, pelo seu character e pela sua posição, acima de todas as intrigas que se agitam em roda do paço, cumpre simplesmente e honradamente o seu dever, e todos lhe obedecem.

Quando ella *debutou* nas suas funcções de regente, a impressão geral na Europa era que a Hespanha ia prestes a entrar no periodo agudo das agitações revolucionarias. E a Europa não se enganava completamente; alguns pronunciamentos militares houve, em Madrid e nas provincias, que poderiam ter precipitado o naufragio da monarchia hespanhola. De tudo isso, porém, triumphou com facilidade a rainha Christina, e, o que é melhor, victoriosa das sedições, fez da sua victoria um uso discreto, humano, liberal, que acabou por lhe conciliar todos os hespanhoes rasoaveis e ordeiros.

Procurando descriminar o que constitue a superioridade d'este reinado sobre tantos outros mais brilhantemente iniciados, chego á hypothese seguinte: O que estabeleceu a superioridade da monarchia sobre as outras formas de governo? Foi o facto d'ella garantir aos povos a fixidez e a duração na representação dos seus interesses geraes. Ora, a rainha Christina offerece estas garantias aos hespanhoes, na pessoa de seu filho e na sua sua propria pessoa, emquanto Affonso XIII não chegar á maioridade. A Hespanha está segura, a menos que não haja qualquer accidente imprevisto, de que terá um rei em exercicio, dentro de quinze annos; mas até lá, que póde ella fazer de melhor, senão contentar-se com o governo da princeza que lhe deu este rei?

Destronando-a, a Hespanha não melhoraria muito o presente e prejudicaria de certo o futuro.

Os povos não obedecem a concepções muito delicadas e subtis; as idéas medianas são o leito onde elles gostam de repousar. Supponho que reside n'isso a força e o segredo da authoridade da rainha Christina. Não distingue estes, nem aquelles; dá a cada um o que lhe é necessario em liberdade e protecção. Que mais podem pois pedir-lhe? Que mais podem desejar? Eu, se tivesse em França um governo semelhante, seria o seu subdito mais fiel.»

A pesca da sardinha

I

Um dia d'estes, no americano, ouvi a conversa de dois visinhos. Um d'elles acabava de fazer uma pequena digressão marítima: estivera em Cascaes e em Cezimbra, não simplesmente como excursionista de recreio, mas como interessado nas questões de pesca. Fallaram da sardinha, e disseram a esse respeito algumas palavras, que em parte me escaparam. Ouvi porém as seguintes, distinctamente: «As redes aperfeiçoadas já foram prohibidas em França!»

Lembrei-me logo de que também eu tivera conhecimento d'esse facto por um artigo de Georges Pouchet, intitulado *La sardine*, que esse artigo era interessantissimo pelas indicações que encerrava ácerca d'esse peixe, da sua pesca e da sua preparação industrial, que, se a pesca da sardinha era importantissima em França, não o era menos relativamente em Portugal, e que as indicações que eu podesse dar aos leitores da *Illustração Portuguesa* ácerca do modo como se pesca e se prepara a sardinha no estrangeiro, deviam ser para elles curiosissimas, sobretudo se despertassem n'algum dos nossos patricios, que conhecem esse assumpto, a sympathica idéa de darem também algumas informações sobre essa industria em Portugal, informações que se completariam com as minhas, e que seriam de certo optimamente acolhidas pelo publico.

Vejam os em primeiro logar o que é a sardinha. Parece que o seu nome, que é pouco mais ou menos o mesmo nas linguas latinas se deriva da palavra «sarda», que era o nome que se dava outr'ora no Mediterraneo á salmoira de peixe, que se fazia em grande quantidade na Sardenha. Originaria do Oceano Atlantico, está comtudo aclimatada no Mediterraneo, como o arenque no Baltico. É um animal desenvolvido e ativo nos seus movimentos, segundo a phrase de Pouchet. Gosta sobretudo da agua sem margens e sem fundo, por isso tem o andar desembaraçado que tanto contrasta com o caminhar pesado dos peixes do fundo. Apesar d'isso é devorada pelos outros peixes, aos quaes não pode escapar, apesar da sua marcha rapidissima, porque anda em multidões enormes, que formam verdadeiros bancos fluctuantes.

Diz o sr. Pouchet que a sardinha é um peixe extremamente sensível, que o mais ligeiro toque o mata, que basta que ella roce pelas malhas da rede para cair logo morta, que seria necessario um trabalho infinito para as trazer vivas para o porto, o que não acontece com outros peixes, contra os quaes é necessario ás vezes empregar a violencia para que elles morram depois de sairem da agua.

Muito timidamente cuso fazer uma observação, cuja authenticidade não garanto, mas que dou emfim tal como a minha memoria m'a transmite. Já tenho visto puxar para terra redes carregadas de sardinha, e dentro das redes saltavam buliçosas as sardinhas, batendo nas malhas da rede, sem que isso as paralisasse.

Os francezes chamam sardinha de inverno á sardinha que attingiu o seu completo desenvolvimento e que chega a pesar 150 grammas, e sardinha de verão á sardinha ainda nova, muito miuda, que pesa habitualmente 12 a 15 grammas, e que se pesca empregando-se como isca o ovario de bacalhau cheio de pequenos ovos, que se exporta para esse fim da Islandia. Esta sardinha é que se emprega nas conservas, que constituem tanto, em França como em Portugal, uma industria desenvolvidissima.

A pesca da sardinha de verão é descripta de um modo muito pittoresco pelo sabio naturalista cujo artigo vamos seguindo.

«As embarcações para a pesca da sardinha são uns grandes barcos sem coberta, com cinco homens de tripulação e um moço. O aparelho comporta dois mastros, que se podem deitar abaixo no sitio da pesca, e enormes remos de perto de dez metros. Cada embarcação leva a sua isca e muitas redes. Essas redes são tecidas com um fio o mais fino possivel. Se se podesse conseguir que ellas fossem invisiveis, seria a sua perfeição. Cada rede tem a forma de um grande quadrilátero de 15 metros de comprimento de 6 a 8 de altura; a parte superior está munida de boias e de cortiça, e cae para o mar como uma cortina na pópa do barco. Os pescadores limitam-se a conservar a estendida; para isso é que servem os grandes remos, melhor do que a vela. Entretanto o patrão já foi deitando alguns punhados de isca; reina o maior silencio, porque se está a decidir a sorte do dia. A hora mais favoravel é sempre a do nascer do sol, ou do cahir da tarde. O patrão, em pé á pópa, tira ás mãos cheias o ovario do bacalhau de um barrilinho que está junto d'elle, e com um movimento cadenciado que não deixa de ter elegancia, atira-o para a direita e para a esquerda da rede. D'ahi a pouco um grande numero de bolhasinhas de ar vêm do fundo rebentar á superficie. É o signal esperado; é a sardinha que se levanta, e cuja bexiga natatoria deixa fugir uma parte do seu ar, á medida que o peixe, subindo, vai encontrando uma pressão menos forte. E então por baixo da agua vê-se passar como um rapido relampago o ventre prateado de uma sardinha, depois outro e outro, e o mar scintilla em to-

da a sua profundidade. O peixe já está; virá elle lançar-se na rede? Em certos dias, não se sabe porque, a sardinha está farta. Gistou-se de balde a isca; o peixe «não trabalha», dizem os pescadores.

Se o peixe entrou, e isso depende muito da destreza do patrão, que deve lançar a isca de modo que o peixe, ao procurar o sustento, se embrulhe nas malhas, tira-se a rede, sacode-se para fazer cair o peixe, e tira-se ás vezes á mão quando resiste; sacode-se frequentemente com tanta violencia que o peixe cae no bote, partido ao meio. Então aproveita-se para a ceia dos pescadores. Em seguida vai-se rapidamente para terra, á vela ou a remos, para não chegar tarde, e correr o perigo de encontrar os preços diminuidos, ou de não poder vender, e ficar com o peixe estragado.

Diz ainda o sr. Pouchet que o aspecto das terras da pesca da sardinha é muito differente do aspecto das terras das grandes pescarias. Em Concarneau, em Donarnenez e em outras terras da Bretanha, a industria da pesca da sardinha tem por complemento indispensavel o da fabrica das conservas. Emquanto o marido pesca, a mulher trabalha na fabrica, de forma que se não interessa directamente pelo marido, não partilha com elle os rezeios e as esperanças, está tranquillamente na fabrica á espera que entre a materia prima da sua industria. Então começa ao cair da noite o novo trabalho, que toda a noite dura, no meio dos gritos e dos cantos que as directoras do serviço consentem, para que as operarias se conservem acordadas. Principia-se por se descaçar o peixe com uma faca de madeira, que ao mesmo tempo lhe arranca os intestinos. Lava-se, põe-se a secar, atira-se depois para dentro do azeite a ferver; logo que está frito, atira-se para cima de umas longas mezas onde estão as latas, e para dentro das latas vão as sardinhas, sendo deitadas pelas operarias. Em seguida collocam-se as latas debaixo de umas torneiras de azeite, depois fecham-se e mettem-se aos centos dentro dos grandes caixotes de exportação.

É claro que se não desaproveitam nem a cabeça nem os intestinos. Vêm os lavradores e compram esse magnifico adubo, que lhes transforma as terras de estereis em fecundissimas. Ha terras que tem o nome brelão de Ker am-pelou, como quem diz «Sardineira».

O sr. Pouchet descreve o systema da pesca empregado na Corunha, que é muito curioso. N'esse grande porto da Hespanha apparecem todos os annos bancos immensos de sardinhas, que são atrahidas alli talvez por algum declive que exista no fundo da enseada. Como as aguas alli são muito abrigadas, pode-se empregar o seguinte processo, que se não poderia levar a effeito n'outras aguas. Cerca-se o peixe com uma immensa rede, que se chama *cedazo*, e que tem kilometro e meio de comprimento, e 30 metros de altura. Lança-se a rede em semi-circulo, e puxa-se depois para a praia por meio de cabrestantes, de forma que toque no fundo. Logo que isto se realisa, a sardinha fica sem espaço para poder passar, e está presa. Alli fica, e os pescadores vên todos os dias buscar a quantidade de sardinha necessaria para o consumo quotidiano da industria. É curioso o espectáculo do porto emquanto se está explorando essa mina singular. Homens, mulheres e crianças entram pela agua com cestas á cabeça, e trazem a sardinha para terra, mas a praia é formada durante muito tempo por um lamaçal de sardinhas, de sal e de azeite.

Na Corunha, comtudo, não é a conserva que se prepara, é a salmoira. Está a sardinha no sal durante quinze dias, e mette-se depois em barris com aduellas de proposito mal unidas, afim de deixar escorrer o azeite. Para a sardinha se empilhar bem, emprega-se uma pedra pesada, que se põe em movimento com uma alavanca. Depois unem-se as aduellas, fecham-se as barricas, e expdem-se para o campo e para a cidade, onde a lata da sardinha de conserva é, como diz o sr. Pouchet, ainda um objecto de luxo. O azeite que escorreu das barricas também se aproveita. É recolhido cuidadosamente e vende-se para differentes usos industriaes, em que o azeite de peixe é reclamado, como para o curtimento de coiros, etc.

Não esgotámos o assumpto n'um artigo. Reservamos para outro a sua conclusão.

O sr. Pouchet toca n'um ponto, que tem para nós uma importancia suprema. Reconhece o mal que á industria franceza das conservas fez a industria que se organisou nas costas portuguezas, e conta a sua origem. «Ha uma lenda, diz elle, ácerca da origem d'essa industria rival». D'isso que tem para nós tanto interesse nos occuparemos no proximo artigo.

PINHEIRO CHAGAS.

O AMOR VINGADO

(Luiz Uibach)

Na pequena cidade de X... achava-se estabelecido um pharmaceutico, moço, instruido, esbelto e espirituoso. A fortuna que deveria herdar, por morte dos paes, e os dotes phisicos e intellectuaes que o distinguiam, habilitavam-o a aspirar a um bom casamento

O facto é que conseguiu agradar á filha de um abastado proprietario, a qual, carecendo de um pouco de cold cream para amaciar os labios, veio pessoalmente compral-o; o cold-cream gastou-se depressa, foi preciso renovar a dose, o que equivaliu a um segundo pretexto para se encontrarem.

Amanda não ignorava que o pharmaceutico escrevia excellentemente, que fazia versos e que era socio de uma Academia qualquer, onde descreteara eruditamente á cerca dos filtros — Pastor e da hydrophobia. Uma celebridade embryonaria, de que se orgulhava a cidade. A vida passada no meio dos boiões de drogas suggeria-lhe tendencias parlamentares. O seu vulto, postado ao balcão, estava a pedir tribuna. A destreza e rapidez com que rolhava um frasco e lacrava uma caixinha de pilulas, revelavam que o boticario seria de primeira força, sempre que se tratasse de rolhar ou lacrar a bôca de um adversario.

Amanda era uma creança pura e leal. Convicta da sinceridade do seu amor, confessou-o aos paes, sem ter necessidade de confessal-o ao enamorado pharmaceutico, que a amava bastante para adivinhar que era amado.

O pae, um anafado apoplectico, que nunca fizera uso de remedios, considerava os pharmaceuticos uns charlatães; a confidencia da filha enfureceu-o; cego de colera, jurou-lhe que nem á hora da morte consentiria em vel-a unida a um manipulador de pó para matar ratos.

A menina chorou, o boticario entristeceu e o amor florio como um lyrio desolado n'esses dois corações firmados para se comprehendem, e descaroavelmente separados!

O poema durou tres annos, tres annos de extasis para o rapaz, tres annos de tortura para a rapariga.

—Renuncie á sua profissão! disse um dia Amanda, áquelle que a via atravez dos seus frascos coloridos, como atravez de um prisma.

—Não, volveu o joven sabio, altivamente. Sei que me desprezaria.

—N'esse caso, acudiu ella, faça-se deputado.

Esta insinuação bastou para transformar o namorado em um ambicioso. Infelizmente, o tempo consumido a aviar receitas não chegava para os manejos eleitoraes. O pharmaceutico *debutou* pelo conselho municipal. O primeiro adjunto fallecera; nomearam o para exercer o logar do defunto e para cingir a banda. O substituto casava os outros com uma graça melancolica, pronunciava allocuções enternecedoras; nenhum casamento celebrado na cidade prescindia do complemento obrigatorio do esbelto adjunto, tão unctuosamente eloquente era a maneira como elle lia os barbaros artigos do Codigol

Amanda via-o repetidas vezes no exercicio das suas gloriosas funcções e empallidecia, pungida de secreta angustia! Mas o pae inflexivel, que por desgraça vira representar o *Doente imaginario*, respondia ás allusões da filha:

—Não me falles no teu vendedor de drogas. Nunca, nem á hora da morte!

Amanda queria morrer, ao ouvir semelhantes palavras. Mas o seu desespero subiu de ponto, quando o pae lhe declarou que resolvera casal-a com um advogado. Um genro, accrescentou elle, perfeitamente accetavel, rico, bem parecido e ainda por cima eloquente!

Amanda, chamada a emittir voto, achou-o medonho e estupidamente tagarela. Resistiu, insurgiu-se contra a paterna imposição. Uma noite, fugiu de casa, correu á pharmacia e disse ao namorado:

—Dé-me veneno. Quero morrer!

O pharmaceutico, abstendo-se de explicar que não podia fornecer veneno sem receita, recebeu a supplicante nos braços, deu-lhe beijos castos, suavizou-a com palavras carinhosas, fallou longamente, eloquentemente, e logo que a botica fechou, reconduzia a querida angustiada até ao limiar da casa paterna.

Os dois amantes tinham celebrado um pacto.

No dia immediato, Amanda accetou o advogado, que obstinadamente lhe offereciam; os preparativos do casamento fizeram-se em alguns dias.

Pallida como Julietta, depois da entrevista com o frade, Amanda via approximar-se, com um sorriso estranho, o dia que consagraria a sua união.

O boticario absorvia se nos trabalhos da sua officina, regularizava a sua escripturação, mostrava desejos de vender a pharmacia e deixar a terra natal.

Afinal, chegou o grande dia. O advogado, que não sabia de cousa alguma, foi pedir ao adjunto que presidisse ao seu casamento.

Fôra Amanda que suggerira a idéa do convite.

O pae de Amanda exultava, deparando-se-lhe ensejo de humilhar o boticario na pessoa do substituto, obrigado a administrar o linimento conjugal e a engulir a pillula.

A igreja estava literalmente coberta de flores.

O adjunto entrou singelamente, cumprimentou os noivos e os convidados, leu gravemente os artigos do Codigo, e proferio algumas palavras encantadoras, alludindo á felicidade do advogado e ao amor de uma senhora formosa e pura como Amanda.

Acharam-o mesmo excessivamente madrigalesco.

Era a primeira vez que a palavra amor fulgurava em um tal recinto. Mas como a allocução foi rapida, o escandalo não teve tempo para nascer e todos ficaram satisfeitos.

Logo que findou a cerimonia, o adjunto, invocando um uso tradicional na pequena cidade de X..., pediu licença para beijar a noiva.

O advogado annuiu, sorrindo-se; o pae franziu as sobrancelhas, a recém-casada fez-se livida. Deu-se então um facto extraordinario, inverosimil, unico. O adjunto subiu os degraus do altar, enlaçou a noiva nos braços, e em vez de beijal-a nas faces, como costumava fazer ás outras, beijou-a na bôca com uma violencia, um exagero, uma effusão reciproca, que revoltou os assistentes. O marido subiu ao altar, afim de separal-os. Mas não precisou recorrer á violencia. Ainda bem não tinha tocado no braço do adjunto, que este caia redondo; Amanda caiu tambem hirta, morta.

Os dois amantes tinham sorvido, n'esse primeiro e ultimo beijo, acido prussico, encerrado em um bonbon, que o contacto dos seus labios unidos derreteria e abrira.

Fez-se um enterro magnifico ás duas victimas; o advogado ainda se conserva viuvo.

GUIOMAR TORREZÃO.

OS DESTINOS

(A EÇA DE ALMEIDA)

Nós passamos por sobre o mundo como as horas
N'essa marcha espectral, phantastica, levadas.
Jamais pára o ponteiro, e vae marcando auroras
Ou o martyrio da sombra ás almas evocadas.

Uns vêem sempre o sol tão baixo em certas horas
Que é um crepusculo a vida. A'quelles tão c'rratas
Se antolham, que o abandono e as larvas das deshoras
Porcoam-lhe da terra as lóbregas estradas.

E' p'ra outros a vida um scintillante dia
Em que ha risos e luz e cantos e alegria,
Uma rosea embriaguez espleudida, aureoreal.

As horas marca sempre o colossal quadrante,
Surgem logo, immergindo á queda de um instante,
E volvem a appar'cer no circulo fatal.

ALBERTO OZORIO DE CASTRO.

HISTORIA DE QUINZE ANNOS

(Por Edmundo Benoit-Lévy)

II

Ia proceder-se á eleição dos deputados, cujo numero tinha sido primeiramente fixado em 764 por um decreto do governo da Defesa Nacional de 15 de setembro de 1870. Outro, datado de 29 de janeiro de 1871, comprehendeu só os representantes dos departamentos, que eram 753; mas pelo decreto de 1 de fevereiro seguinte foram tambem convocados no mais curto praso possivel os collegios eleitoraes da Algeria, que dava 6 deputados, e os das colonias, que enviavam 9. D'este modo a somma total dos representantes da nação vinha a ser de 768.

Luiz Blanc definiu com a maior clareza e precisão, n'um jornal de Paris, qual devia ser o caracter e a missão da futura assembléa.—«Não podia ser um corpo legislativo nem uma assembléa constituinte;—escrevia o afamado auctor da *Historia dos Dez Annos*—a mesma natureza das cousas quer que ella seja *especialmente e exclusivamente* uma reunião dos mandatarios da nação franceza, encarregados por ella de tratar das condições da paz—nem mais nem menos. Apenas se concluir a paz, terá acabado a sua missão. Cumpre-lhe dissolver-se, logo que em França não haja



DR. LUIZ JARDIM (CONDE DE VALENCAS)

senão francezes, para ceder o logar a outra assembléa, inteiramente distincta da primeira, e chamada a pronunciar-se sobre o que nos respeita a nós, e não a nossos inimigos.»

Os representantes mais votados foram Thiers por 26 departamentos, Gambetta e Trochu por 10, Julio Favre por 6 e Dufaure por 5. Todos os partidos tinham representação, mas do partido bonapartista sahio apenas eleito o deputado da Corsega. A França conferira tambem um diploma ao general Garibaldi, a quem o governo da Defesa Nacional dera o commando do exercito dos Vosges.

No dia 12 de fevereiro a assembléa nacional teve uma sessão preparatoria no foyer do theatro de Boreus, destinado para a sala das conferencias, assim como a sala do theatro o fôra para as sessões das côrtes. A verificação de poderes estava terminada a 16, e no dia immediato constituia-se a camara, chamada para resolver sem demora as tres questões seguintes:— eleição do governo; séde da assembléa; o tratado da paz.

O resultado das eleições tinha indicado, de modo assaz significativo, Thiers para assumir a suprema direcção do governo. Uma proposta n'este sentido foi logo apresentada á assembléa por Du-

faure, Grévy, Vitet, de Maleville, Rivet, Mathieu de la Redorte, e Barthélemy Saint-Hilaire, sendo seguidamente approvada.

A proposta era concebida nos termos seguintes:

«A assembléa nacional, depositaria da auctoridade soberana; «Considerando que, antes de se estatuir sobre as instituições da França, convém prover immediatamente ás necessidades do governo e á prosecução das negociações;

«Decreta:

«O sr. Thiers é nomeado chefe do poder executivo da Republica franceza. Exercerá as suas funcções, sob a auctoridade da assembléa nacional, com o concurso dos ministros que escolher e aos quaes presidirá.»

Não obstante dizer o preambulo de decreto que ficava para depois o tomar-se uma deliberação sobre a forma de governo, o mesmo decreto estabelecia a já, pois conferia a Thiers o alto cargo de chefe do poder executivo da Republica franceza. Todavia, a intenção dos signatarios da proposta não tinha sido fundar a Republica. Aceitavam-na só provisoriamente.

Thiers nomeou logo o ministerio, que, por ser o primeiro da terceira Republica franceza, eetendemos dever aqui mencionar.

Ernesto Picard—ministro do reino,
Dufaure—justiça,
Ponyer-Quartier—fazenda,
Julio Favre—estrangeiros,
General Le Flô—guerra,
Almirante Pothnau—marinha,
Julio Simon—instrução publica,
Lambrecht—commercio,
Larcy—obras publicas.

Thiers apressou-se a dar conta á assembléa da nomeação dos ministros, e foi n'essa occasião que elle contrahiu com ella a tregua conhecida na historia pelo nome de pacto de Bordeus. Proferiu o habil estadista um longo discurso, que foi coberto de ruidosos applausos, e é n'estes periodos eloquentes que se encontra esse pensamento patriótico:

«Ha ahí, póde ahí haver duas politicas? E, pelo contrario, não ha só uma, forçada, necessaria, urgente, que consiste em pôr termo, o mais depressa possivel, aos males que nos opprimem?»

«Poderia alguém sustentar que não é preciso, quanto antes, o mais completamente que poder ser, fazer cessar a occupação estrangeira, por meio de uma paz corajosamente debatida, e que não será acceita, se não fór honrosa?...»

«Livrar os nossos campos do inimigo que os calca e os devora; chamar das prisões estrangeiras os nossos soldados, os nossos officiaes, os nossos generaes prisioneiros; reconstituir com elles um exercito disciplinado e valente; restabelecer a ordem alterada; substituir immediatamente os administradores demissionarios ou indignos; reformar por meio da eleição os nossos conselhos geraes e municipaes dissolvidos; restabelecer d'este modo a nossa administração desorganizada, fazer cessar despezas ruinosas, e restaurar por essa forma, senão as nossas finanças—o que não poderia ser obra de um dia—pelo menos o nosso credito, unico meio de fazer face a compromissos instantes; restituir aos campos e ás officinas os nossos moveis e mobilizados, tornar a abrir as estradas cortadas, levantar as pontes destruidas; fazer assim renascer o trabalho, que é só o que póde dar meios de vida aos nossos operarios e aos nossos camponeses! Haverá alguém que possa dizer n'is que ha alguma cousa mais urgente do que tudo isso? E haverá aqui alguém que ouse discutir sabiamente os artigos de uma constituição, quando os nossos prisioneiros morrem de penuria em longes terras, quando as nossas povoações agonisantes de fome são obrigadas a entregar aos soldados estrangeiros o ultimo bocado de pão que lhes resta?...»

Os preliminares da paz constam de 10 artigos, nos quaes se estipulou o seguinte:—cessão do territorio, pela qual a França perdia a Alsacia, menos Belfort e um tracto de terreno anexo, e a Lorena perdia Metz e algumas aldeias;—o pagamento, de uma contribuição de guerra de cinco biliões de francos no prazo de tres annos, a contar da ratificação;—a evacuação do territorio francez pelas tropas inimigas, em tres periodos principaes, sendo o primeiro logo depois da ratificação, o segundo depois da entrega do primeiro meio bilião—e o terceiro depois de pagos dois biliões. Até final pagamento continuava ainda a occupação de alguns departamentos pelas tropas allemãs.—Taes eram as disposições mais importantes dos preliminares da paz, que foram assignados no dia 27. Ao outro dia abriu-se a assembléa nacional para ouvir a leitura d'esse notavel documento.

Pouco depois a assembléa interrompia as suas sessões, que haviam de começar novamente para ouvir a leitura dos preliminares da paz, em que se fixavam unicamente as suas bases, ficando para um tratado posterior o precisar lhe as condições. Mas antes d'esse facto a assembléa nacional votára uma moção de confiança nos negociadores, declarando que se entregava á sua sabedoria e ao seu patriotismo.

Os preliminares da paz foram datados em Versalhes aos 26 de fevereiro de 1871, e assignados pelo conde de Bismarck, Thiers e Julio Favre, e pelos condes de Bray Steinburg, barão de Waechter, Mutnach e Jolly, como representantes dos reinos da Baviera e de Wurtemberg, que tinham feito a guerra como alliados da Prussia e que faziam parte do imperio da Alemanha.

No primeiro de março foi approvada essa convenção politico-militar, e a assembléa resolveu tambem transferir a sua séde para um logar mais perto de Paris, e assentou-se que fosse Versalhes, por causa da sua proximidade de Paris e da facilidade das communicações.

Nos poucos dias de sessão que houve em Bordeus deram-se alguns incidentes extraordinarios,—que só podem encontrar explicação satisfactoria na grande agitação dos animos em tão graves e difficis circumstancias, como as d'esse tempo. Um dos mais curiosos foi o seguinte:

Estava em discussão a validade da eleição do general Garibaldi, a quem, na sua qualidade de estrangeiro, era contestado o direito de fazer parte de uma assembléa franceza. Victor Hugo pediu a palavra e disse:—«De todas as nações europeas nenhuma se levantou para defender esta França, que tantas vezes tomou a peito a causa da Europa; nem um rei nem um Estado, ninguém! excepto um só homem... Que tinha este homem? A sua espada, e esta espada tinha libertado um povo, e podia salvar outro. Pensou, veiu, combateu...»

Interrompido com violencia, Victor Hugo continuou:

«Não desejo ferir ninguém n'esta assembléa, mas direi que elle é o unico general que combateu pela França, o unico que não foi vencido...»

Na verdade, era demais! O general Ducrot pede a palavra, e um deputado obscuro, Lérgeril, exclama:—«O vosso heroe não é senão um comparsa de melodrama!» E, cousa inaudita, proferiu ainda estas palavras:—«A assembléa nega a palavra ao sr. Victor Hugo, porque elle não falla francez!»—Cresceu então o tumulto, e o grande poeta das *Orientales* desceu da tribuna para escrever uma carta em que desistia do seu mandato. E nunca mais poz os pés na assembléa.

ALBERTO TELLES.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

Ocorreu ha annos, na villa da Praia da Victoria, um facto, dos que figuram como marcos miliarios na historia da humanidade, nos modernos tempos.

Foi inaugurado um monumento, erguida uma estatua a um homem ainda vivo, a um homem que teve d'este modo a rarissima fortuna de se ver immortalizado, justamente recommendado á veneração e ao respeito da posteridade.

Todos conhecem, ao menos pelos seus numerosos e importantes escriptos, o homem que uma população inteira assim levou ao capitolio, todos conhecem José Silvestre Ribeiro, o cidadão por muitos motivos benemerito, o trabalhador incansavel, o caracter honestissimo e virtuoso, que nunca soube sacrificar á futilidade, que só veio a este mundo para ser util e prestimoso, e que teve a ventura de ser heroe, não a matar irmãos, mas a rasgar mortalhas, como o demonstrou brilhantemente a população da Villa da Praia da Victoria, agradecendo o que elle lhe fizera depois do espantoso terremoto ali occorrido em 15 de junho de 1844.

José Silvestre Ribeiro nasceu na villa de Ianha a Nova em 31 de dezembro de 1807. Em 1828 emigrou para Hespanha, e regressou em 1832, desembarcando na praia do Mindello, sendo actualmente um dos pouquissimos, tres ou quatro, que desembarcaram no Caes do Sodrê com o duque da Terceira, e por isso presidente dos festejos do dia 24 de julho. No cerco do Porto esteve de guarnição na Serra do Pilar, onde se houve de modo muito notavel. Terminada a lucta em 7 de junho de 1834 foi nomeado secretario da prefeitura da Beira Baixa, e depois successivamente, secretario do governo civil de Castello Branco, governador interino do districto de Portalegre, administrador geral do districto de Angra do Heroismo e governador civil dos de Beja e Funchal. Por diferentes vezes representou no parlamento os districtos de Angra e do Funchal; em 2 de outubro de 1856 foi nomeado conselheiro de estado extraordinario. Em 7 de dezembro de 1857 foi encarregado da pasta da justiça, cargo que desempenhou até 31 de março de 1858, em que pediu a demissão, sendo-lhe por decreto conservadas as respectivas honras.

Para se apreciarem os seus serviços na carreira da magistratura, bastara compulsar os seus valiosos escriptos administrativos, e outros. Actualmente é conselheiro de estado effectivo, na secção do contencioso, socio effectivo da academia real das sciencias, e tem sido, em annos successivos, nomeado para presidir ás commissões de exames; a par de tudo isto nunca deixou de cultivar de um modo utilissimo a litteratura, tendo publicado muitos livros de subido interesse litterario, sendo um dos mais importantes *A historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos*, que representa um trabalho de investigação tão activo e escrupuloso, como só os beneditinos sabiam fazer.

Ha no caracter de José Silvestre Ribeiro uma feição apreciabilissima, e da qual tem resultado valiosos serviços: é o seu amor entusiastico a tudo quanto se liga com o desenvolvimento da instrução publica, que tem merecido sempre o maximo desvello, e que o tem tornado fundador de bibliothecas em varias localidades, sendo a primeira de todas Ianha a Nova, sua terra natal.

DR. LUIZ JARDIM (Conde de Valenças)

Foi sempre um bello caracter, da mais inalteravel benevolencia para com amigos e condiscipulos, no tempo em que frequentou o curso de direito da universidade de Coimbra; hoje, no fastigio da opulencia, a sua bella alma continua a ser ainda, como então, inspirada pelos nobres impulsos da bondade ingenua, e desvelada em demonstrar constantemente os primores da sua indole generosa.



CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO
Presidente do Conselho e ministro da Fazenda



CONSELHEIRO COSTA PEREIRA
Ministro do Imperio



CONSELHEIRO THOMAZ COELHO
Ministro da guerra



CONSELHEIRO RODRIGO SILVA
Ministro das Obras Publicas



CONSELHEIRO ANTONIO PRADO
Ministro dos Estrangeiros



DR. FRANCISCO VIANNA
Ministro da Justiça



CONSELHEIRO VIEIRA DA SILVA
Ministro da Marinha

O NOVO MINISTERIO BRAZILLEIRO

A fortuna travou-lhe do braço, e conduziu-o ás eminências d'uma brilhante posição social; mas d'esta vez a fortuna não foi cega, como ordinariamente costuma; viu bem que era digno dos seus brilhantes favores quem desde as primicias da mocidade se orientou á luz do trabalho e da virtude.

Não enterrou, como o egoista da parábola evangelica, os talentos que lhe fôram concedidos, antes os fez fructificar pelo aturado estudo e constante applicação da sua bella intelligencia.

Estudante laureado pela universidade na faculdade de direito, em que se doutorou, obteve em seguida, por um brilhante concurso, uma cadeira no magisterio da referida faculdade.

Regeu essa cadeira, durante algum tempo, com a elevada proficiencia do seu talento e do seu estudo; e seria decerto um dos ornamentos do professorado no primeiro estabelecimento scientifico do paiz, se continuasse a carreira do magisterio, em que já era muito considerado pelos seus collegas e discipulos.

Não o quiz assim o seu destino, que lhe deu mais elevada posição em riqueza e fortuna social, obrigando-o a deixar a sua cadeira na universidade.

Nem por isso todavia se entregou aos oíios, que lhe porporcionava a riqueza; pelo contrario, o amor da sciencia obrigou-o e obriga-o sempre a trabalhar em mais largo horizonte.

Sendo eleito vereador da camara municipal de Lisboa, e seu vice-presidente, cabendo-lhe o pelouro da instrucção publica, votou todos os seus intelligentes esforços ao melhoramento da instrucção popular.

Desde então até hoje tem pugnado, já com os seus escriptos, já com a sua palavra no parlamento, pelos progressos da instrucção elemental do povo. Deve-lhe o paiz este relevante serviço.

O dr. Luiz Jardim, hoje conde de Valenças, pertence á benemerita cruzada dos obreiros do futuro, que hão de levar o povo ao convívio da civilização, instruindo-o e aperfeiçoando-o.

A nossa instrucção primaria está ainda carecendo de ser ampliada e reformada, afim de conseguir o seu completo desenvolvimento. Não é universal, nem efficaz. Com a sua intelligencia e com o seu affecto á nobre causa da civilização do povo, principio imprescindivel do progresso e da prosperidade das sociedades modernas, o dr. Luiz Jardim ha de contribuir muito para o aperfeiçoamento e generalização da instrucção popular n'um paiz em que actualmente se pôde julgar esta a sua necessidade mais vital e mais importante.

Ainda no vigor da vida, dotado d'um bello talento e d'uma grande vontade de trabalhar na sciencia juridica, que desde o desabrochar da sua intelligencia cultivava com desvelado affecto, estuda constantemente no remanso do seu gabinete os problemas de administração, de economia politica, e direito publico, em suas variadas applicações practicas, e tem publicado alguns trabalhos muito elogiados pelos homens da sciencia e pela imprensa.

E' assim que demonstra perfeitamente o affecto que lhe merecem, as sciencias politico-sociaes, desde o principio da sua carreira academica até hoje, não descançando dos seus uteis labores no meio da opulencia, que lhe daria largo ensejo de adormecer o espirito á sombra das enervantes delicias da riqueza.

Continúa sempre a trabalhar na luminosa arena onde os lidadores pelo bem universal e pelo futuro da humanidade cruzam as armas scintillantes da verdade e da justiça.

O NOVO MINISTERIO BRAZILEIRO

O conselheiro João Alfredo, presidente do conselho e ministro da fazenda é um d'esses homens de character firme, espirito orientado, coração liberal, de quem todos esperavam muito, e que acaba de provar que não esperavam em vão.

Tendo ligado o seu nome á lei de 21 de setembro de 1871, que libertou o berço da mancha da escravidão determinando que a partir d'essa data não mais nasceriam escravos no Brazil, concluiu a obra santa abolindo totalmente a escravidão na America do Sul, completando assim o reconhecimento do direito de nascer livre, com o de outro igualmente sagrado:—o não viver escravizado.

A justiça porém exige que se diga que o meio termo, preparador d'este ultimo extremo, fôra decretado pelo ministerio Cote-gipe com a promulgação da lei de 28 de setembro de 1885 que libertou os sexagenarios, e, embora de maneira indirecta, aboliu o direito de propriedade do homem sobre o homem.

Seja esta lei levada em conta ao sr. de Cote-gipe cujas administrações precisam de muito esquecimento e de muito perdão.

Tanto no ministerio de 29 de setembro como no de 7 de março, o conselheiro João Alfredo, que d'elles fez parte, mostrou qual era a sua energia, como recto era o seu espirito e elevadas as suas aspirações.

Quer nos conselhos da Corôa, quer no parlamento foi sempre alguma cousa mais do que um politico, foi um patriota: agora é um benemerito da patria e da humanidade. O homem, que fez com que os bispos recalcitrantes e revolucionarios vergassem perante a lei e ficassem de nivel com os outros cidadãos, não podia negar ao

negro o nivelamento humano. Sempre logico sempre coherente e sempre grande.

Ha muitos annos, desde que se começou a agitar o problema do abolicionismo—e n'esse tempo as aspirações dos mais insoffridos era que a escravidão acabasse com o seculo!—que os partidos politicos sentiram perder a cohesão, e se fôram pouco a pouco dividindo em dois cada um d'elles; de maneira que no Brazil só havia dois grupos nitidamente distinctos: os escravagistas e os abolicionistas. Esta divisão dos partidos resentia-se na administração, cujos serviços se iam desorganizando; e os ministerios succediam-se sem força para melhorar, nem auctoridade para reformar, deixando pelo caminho, desatendidos e sacrificados, os seus homens mais leaes e mais devotados. Vencida a campanha abolicionista, o trabalho do actual ministerio tem sido imprimir uma direcção firme aos negocios publicos, sujeitando-os á unidade methodica d'um plano previamente combinado.

E' por isso que, no seu ministerio, o sr. conselheiro Costa Pereira, ministro do império, procura restabelecer a ordem, tanto no que diz respeito á instrucção publica, como no que se refere á administração provincial, e alimentação e estado hygienico da capital. O seu espirito incansavel tem vasto campo aberto ao exercicio da sua fecunda actividade.

Ao conselheiro Thomaz Coelho, que em tempo deixou bom nome, quando ministro das obras publicas, coube o encargo difficil de dirigir o ministerio da guerra. Affastar completamente do exercito o espirito de politica partidaria, cohibir o prurido da escrevinhação n'alguns dos seus officiaes superiores, affirmar a disciplina desde o marechal ao corneta são os problemas que tem a resolver a perspicacia, a prudencia e a intelligencia culta do actual ministro. E' de crer, porém que não mintam os precedentes.

A pasta da justiça foi entregue á direcção d'um dos personagens mais caracteristicos da politica brasileira. E' elle o dr. Francisco Vianna, jurisconsulto de primeira ordem, orador d'erudicção vastissima e de conceito profundo, que sabe captivar pelo brilho da phrase e convencer pela dialectica da argumentação, quer lhe sirvam d'assumpto aos discursos as virtudes de algum bema-venturado, que se enleve na admiração de Beethoven ou de Miguel Angelo, quer fulmine os desvarios dos contrarios velando pela bolsa do contribuinte. Os trabalhos já encetados por elle no curto espaço da sua estada no ministerio da justiça, tendem todos a fazer com que as leis, tanto as que castigam como as que protegem, deixem de ser uma formula secca e se convertam n'uma funcção humana. Elle quer luz e ar nas enxovias, um pouco d'amor para com o criminoso, inviolabilidade para todos, caridade para o indigente, protecção e amparo para com a criança. Quando, em tempos, o ouviamos discursar, entre o severo e o affavel, mas sempre elevado, sobre as virtudes seraficas de S. Francisco d'Assis, não podiamos conter um sorriso d'incredulidade; hoje estmos convencidos de que junto da pasta do ministro está sempre aberto um evangelho, de cuja doutrina se inspiram portarias e decretos, e que do coração do politico transbordam as aspirações generosas do christão.

O sr. conselheiro Vieira da Silva, senador, é um sabedor, quasi um sabio. Que nos conste, ainda não foi ministro. Ensaia-se agora na pasta da marinha, e é de crer, porém, que, em tão boa companhia, consiga ajudar a marinha brasileira a assumir a preponderancia que lhe compete.

E' de crer, que, quando estas linhas cheguem ao Brazil, já sua ex.^a tenha abolido a chibata. Quando uma marinha tem nos seus fastos Riachuelo e Humaytá não pode conservar a humilhação e a infamia como castigo.

Na pasta das obras publicas pôde prestar o sr. conselheiro Rodrigo Silva, um antigo—não velho—politico paulista, grandes serviços, e continuar os que já iniciou quer promovendo a emigração, quer desenvolvendo as vias da comunicação, quer auxiliando a agricultura na crise difficil por que vaé passar por causa da transformação do trabalho escravo em trabalho.

E, terminando esta pequena noticia dos homens actualmente á testa dos destinos do Brazil, escreveremos o nome do conselheiro Antonio Prado, e diremos simplesmente que, se estão satisfeitas as honradas aspirações de Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Ferreira d'Araujo, Theodoro Souto, Joaquim Serra e muitos outros—combatentes de primeira hora, é ao sr. Prado a quem se deve o ultimo grande e decisivo impulso para a sua realisação.

VIRGINIO SALVA A HONRA DE SUA FILHA, MATANDO-A

(Episodio da Historia de Roma)

Virginia, joven plebêa de Roma, foi amada por Appio Claudio, o mais influente dos decemvros, que a reclamou como sua escrava. Debalde Virgínio, pae da donzella e centurião no exercito romano, pretendeu salvá-la. No momento em ella ia ser entregue áquelle que a reclamava, o desventurado pae matou-a, cravando-lhe uma faca no seio.

Esta lenda tem inspirado grande numero de poetas.

CARCASSONA

Carcassona está no departamento do Aude, a 192 leguas de Paris.

A sua população é de 17.500 habitantes.

Tem tribunaes de primeira instancia e de commercio, collegio, uma bibliotheca publica que contém 6:000 volumes, e uma sociedade de agricultura.

Fazia parte do reino d'Aquitania quando em 1209 foi tomada por Simão de Montforte.

Desde essa epoca tem sempre pertencido á França.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

Tem direito de se banhar esta mulher—1—2.

Olha esta villa e mais esta—2—2.

Anda á solta, a scismar que o faz soffrer um democrata—2—2—1.

MORREIRA.

Aqui tenho crença, n'esta planta—1—1.

Esta planta, teem todos, no Brazil—1—2.

Na musica, é baixo, este homem—1—2.

Em Ayamonte, ha esta ave, e é villa—1—2.

Ande, que se instrue e corre, mulher—1—1—2.

Faz o religioso, no coração, uma prece a Deus—2—1.

Este appellido, na musica, é parente—2—1.

Carta enigmatica

Querida 11, 15, 6, 14, 12, 11

Approxima-se a 8, 10, 4, 11, 3, 11, 5 predilecta dos que preferem o 14, 13, 5, 12 penetrante dos campos, ao 6, 15, 2, 13, 5 da 3, 2, 13, 11, 13, 8, a belleza da solidão, a walsa rodopiante. 8, 5—40, 14, 15—13, 8, 10, 10. 8 numero. 9, 11, 14 tem porventura mais 8, 9, 3, 11, 9, 4, 5 os gorgeios dos alados 3, 11, 9, 4, 14, 12, 8, 10 que 11, 10—9, 5, 4, 11, 10 mais ou menos agudas da garganta d'uma 3, 11, 9, 4, 5, 12, 11 celebre? 9, 10, 5—10, 8, 2 se a minha predilecção pelo campo é 3, 11, 15, 10, 11, 13, 11 pelas 10, 8, 9, 10, 11, 3, 5, 8, 10 que se experimentam em 3, 11, 10, 3, 11, 8, 10 ou em 3, 2, 9, 4, 12, 11, visto que foi a'li que me enamorei de 8, 13, 15, 11, 6, 13, 14—1, 2, 8, 7, 6, 11 a quem me vou 15, 9, 2, 6—13, 8, 3, 5, 6, 6, 7, 13, 14, 10—13, 5, 2, 10 mezes. Já te não escrevo 10, 8, 9, 11, 5 depois da 3, 11, 10, 11, 13, 11. E: pero 13, 11, 9, 3, 11, 12 muito no 13, 7, 10 do meu casamento; a mudança de 8, 10, 4, 11, 13, 5 não me permite depois gosar mais.

Envio muitas 10, 11, 15, 13, 11, 13, 8, 10 a 4, 15, 11, 10 manas e um beijo ao 1, 2, 3, 4, 5, 6.

Dispõe da tua amiga

7, 10, 11, 15, 12, 11.

Fare.

M. CAROLINA C.

Decifrações

DAS CHARADAS: — Javali—Rosalia—Christina—Aracapuda—Liquidambreiro.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA DESCOBRIR O COBRE NO ACOOL

Junta-se ao liquido suspeito algumas gottas da tintura preparada com uma parte de quaiaco e cinco de aguardente. Se o liquido apresenta uma côr azulada, tem alcool communicado pelo alambique.

A RIR

Dois amigos da mesma idade encontram-se, depois de muitos annos de ausencia.

—Estamos muito bem conservados, diz um; defendemo-nos contra os estragos do tempo como dois heroes!

—Pois sim, responde o outro; mas temos mais dez annos do que quando nos vimos a ultima vez.

—Isso é verdade; tu, principalmente.

No album d'uma mundana:

•Os ciumes d'um amante constituem uma homenagem; os de um marido, são um insulto.

Entre amigas:

—Gastão fez-me hontem uma scena de ciumes. Fiquei tão desesperada, que estive quasi a atirar-me da janella abaixo!

—Que disparate!...

—Mas não tinha duvida; moro n'um *rez-de-chaussée*.

Um conto a Mimi

—Então já pões de parte os brinquedos infantis, e já aborreces as bonecas, aquellas deliciosas maravilhas de Nuremberg que tanto adoravas? Já te tentam as seducções mundanas e queres parecer senhora, imitando a tua mamã na seriedade e desesperando te por não possuires um vestido de cauda, longo, roçagante, que varra o chão na sua passagem?

Tem paciencia, *Mimi*; olha que o caminho que ambicionas trilhar é cheio de abrolhos onde despedaçarás o coração e verás uma a uma desfolhadas as illusões que te emballaram a infancia, todos aquellos castellos phantasticos creados pela tua fertil imaginação de creança.

No futuro has-de muita vez recordar com saudade o tempo em que descuidadamente te entretinhas com as bonecas, e em que todos os pesares se resumiam em chorar um brinquedo ou a perspectiva de uma grande lição, o triplo da usual, dada, no collegio, em castigo de qualquer travessura.

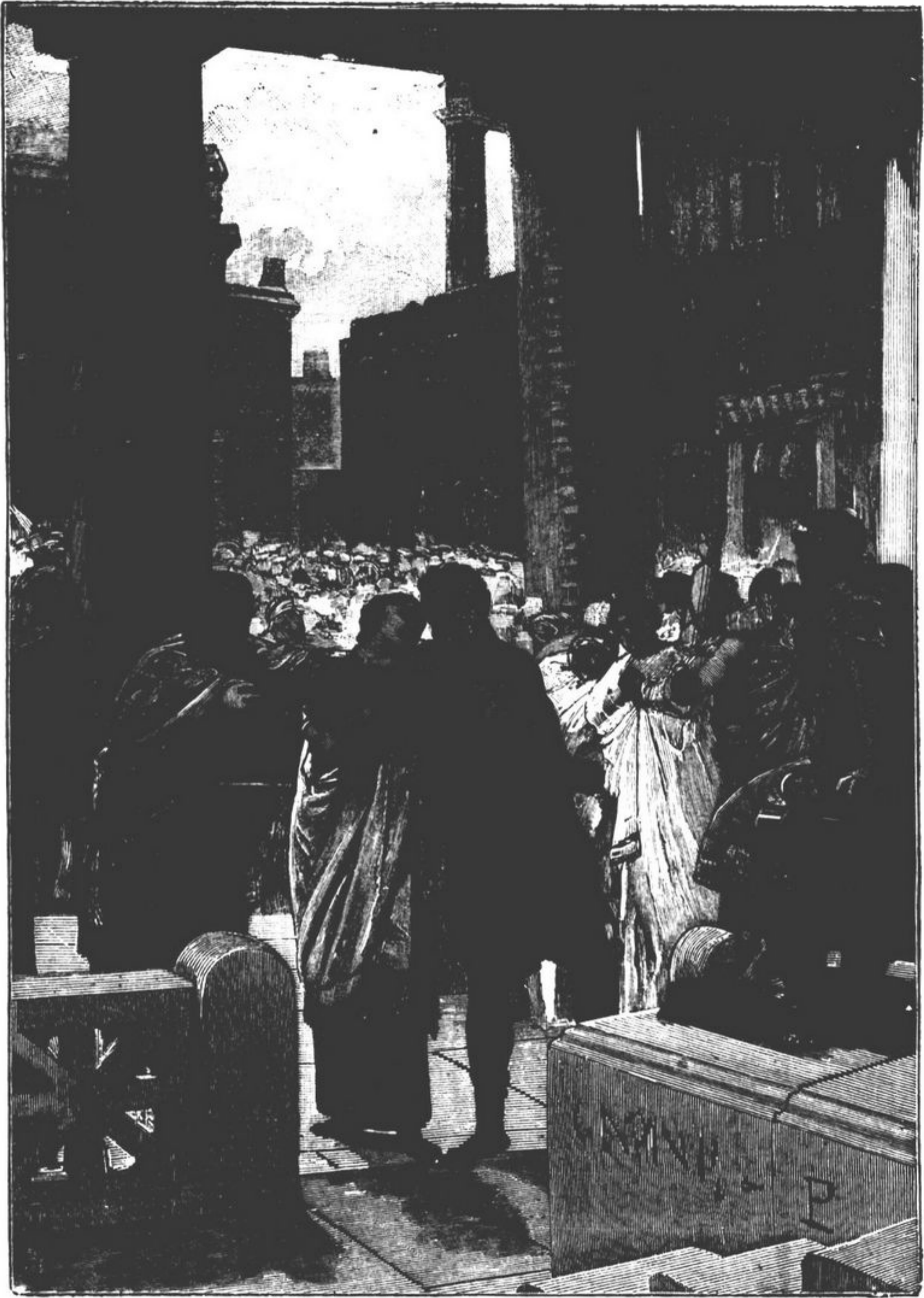
Escusas de te ergueres nas pontas das microscopicas botinhas e de me olhares carrancuda, pois não te tenho medo, nem te posso tomar a sério.

Uma mulher de nove annos pôde lá ser!... E uma mulher que me intima a narrar-lhe um conto, mas um conto que não seja de fadas nem de lobis-homens?!... Como fugir a tal intimativa, como satisfazer uma exigencia tão peremptoria, acompanhada, além d'isso, da ameaça de não seres mais minha amiguitinha se eu reagir em sentido contrario aos teus desejos?

E' esta a unica cousa em que já em ti reconheço a futura mulher com os resentimentos pequeninos, os caprichos e todas as futilidades d'uma alma verdadeiramente feminina.

Não te zangues, mas eu sou franco, muitas vezes até excessivamente franco, e não te posso vêr com prematuras pretensões, com desejos de representares um papel superior ás tuas debéis forças.

Corre, pula nos jardins e por toda a casa, faz nos desesperar com as travessuras, escangalha os moveis e os brinquedos, quebra até mesmo a cabeça, mas, por Deus, não queiras parecer mulher antes do tempo. Diverte te, gosa da infancia, ama as bonecas, sé turbulenta, desenvolve-te nos exercicios phisicos e segue os conselhos da tua querida mamã, que te ama com a estre-



VIRGINIO SALVA A HONRA DE SUA FILHA, MATANDO-A

meçada ternura de quem tem uma única filha a quem dedicar os inexgotáveis thesouros de affectos, e seguindo-lhe os puros conselhos, prepara te para condignamente poderes desempenhar a sublime missão de mulher na sua triplice manifestação de filha, esposa e mãe.

Não penses nos bailes nem n'esses mil ruidosos divertimentos, escolas de luxo, despeitos, rivalidades e invejas, onde a alma se perverte e o mais puro coração recebe o germen de fundos pezares e de infelicitades, tormentos muitas vezes d'uma vida inteira.

Quando a idade dos devaneios te fizer bater um pouco mais apressadamente o coração, lê então as sublimes obras do doce Michelet, ou as d'aquella original escriptora franceza tão cheia de sentimento e de bondade, a viscondessa de Dax, e pensa maduramente na seguinte passagem do seu preciosissimo livro «A Mãe»:

«Porque se encontram na nossa epocha tantos rapazes cuja vida decorre inutil, sem proveito, sem gloria? Porque tantas intelligencias, que promettiam muito, se extinguem na esphera da mediocridade, tantos corações morrem sem terem vivido e tantas almas atrophiadas, pervertidas, não acreditando em nada, sem contudo saberem porque duvidam ou porque cessaram de ter crenças? Porque razão são infelizes os filhos do nosso seculo, sem energia, sem vontade, não se commovendo com a narrativa de tudo quanto á volta d'elles se passa de grande e terrivel?»

E' porque a quasi todos lhes faltou uma mãe para os guiar nos primeiros annos, uma mulher amada para os estimular, uma mulher digna de ser o alvo, o mobil d'uma victoria, d'um successo d'uma gloria alcançada á custa de trabalho insano.

Com effeito, para que serve trabalhar quando se não tem uma mãe a cujos pés se possam depôr os louros da victoria, a fronte d'uma mulher estremecida para adornar com a corôa da celebridade?

Bem poucas mulheres são hoje dignas da influencia que exercem pelo amor; compromettem-se com um joven qualquer juram-lhe o seu constante affecto, fazem-lhe mil protestos de fidelidade, mas se n'essa occasião encontram a realidade, a fortuna, esmagam o coração e quebram sem pesar as mais santas e as mais sublimes promessas. Assim, o mancebo já não crê, ou crê pouco; é trahido; atraiçoa por sua vez. Sob a mascara do prazer esconde um coração dolorosamente ferido; ri, diverte-se, atordoase, até ao momento em que tudo n'elle se extingue para só dominar o septicismo e o funesto materialismo. Este esphacelamento do rapaz, prepara para o futuro tristes maridos. Esposará um dia, sem amor, qualquer donzella rica. Cada um, pela sua parte, guardará as recordações do passado, e ficarão divididos no mais intimo do ser. Elle, verá mais d'uma vez com pesar os logares dos passados gosos; aqui e alli, por toda a parte onde hoje passa com a mulher e os filhos, veio outr'ora emballado por doces sonhos da mocidade. Vê as mesmas arvores, as mesmas avenidas, tudo o que o cerca lhe segreda as palavras que elle outr'ora pronunciava n'uma credulidade infantil. Nada mudou, nada, senão elle!»

Estas linhas de uma mulher que o sabia ser, d'uma esposa e d'uma mãe exemplar, deviam estar sempre gravadas na memoria de todas as jovens. Para ti são ainda prematuras, mas d'aqui até chegar a epocha de bem as comprehenderes, se boa, estuda muito e muito, que eu, em paga, narrar-te-hei não só um conto, mas quantos tu quizeres.

Lembras-te, quando outro dia passeiamos no campo, d'um encontro que tivemos com um velho meio tropego e que mal podia caminhar se não fosse amparado pelo braço d'um rapaz de rosto alegre e travesso, mas cheio de bondade e carinhos para o ancião que o o'hava com ternura? Pois aquelle homem tambem foi creança como tu, tambem teve a sua infancia alegre e descuidada; mas o tempo, no seu girar incessante, tirou-lhe as forças, tornou-lhe o negro cabello completamente branco, e obrigou-o a elle, que era capaz de segurar um touro, a necessitar, para poder andar, amparar-se a um braço estranho. Na sua juventude citavam-o como um dos mais alegres cantadores a viola, que a ninguém cedia a palma da victoria n'aquelles terriveis desafios em verso, tão usados no nosso bello Minho e de que tu tanto gostas. Um dia sympathisou com uma certa rapariga da aldeia, que alcançara a suprema gloria de o derrotar completamente n'um torneio poetico, onde elle se tinha batido como um leão. Nada lhe valera para o salvar do immenso desastre, d'uma derrota memoravel, que por muito tempo fez epocha nos fastos da sua aldeia.

Aquelle facto, de que só parecia poder nascer a zanga entre os dois campeões, foi o elo da cadeia da amizade que mais tarde os uniu para sempre. Sympathisaram, amaram-se e casaram d'ahi a pouco.

Trabalhadores e economicos, em breve duplicaram os modestos haveres, tornando se proprietarios d'umas terrinhas que davam o sufficiente para o parco viver. Mas os annos corriam após annos, e o Senhor não os fadava com um filho, com uma creança ruin e travessa como tu, que lhe atroasse a casa com

os seus folguedos, e com quem podessem repartir aquella exuberancia de amor de que tinnam replectos os seus corações de paes. Tal desgosto perseguia-os sem cessar, augmentando á medida que, para sempre, viam desaparecer a doce esperanza de terem um louro bebé, um alegre traquinas, que, de gatinhas, corresse a casa, trepando ás cadeiras, quebrando a louça, revolvendo e pon-do tudo n'uma verdadeira desordem.

Uma manhã, ao abrirem a porta da casa, encontraram na soleira, encolhida a um canto, uma gata recém-nascida, a morrer de frio e de fome, que mão cruel alli abandonára sem-dó nem piedade. Os velhos, compadecidos, acolheram a engeitadinha com que a sorte os mimoseara, e não houve cuidados, não houve carinhos que lhes não proporcionassem; o que é certo é que d'alli a semanas a gata corria e brincava por toda a parte, com aquella graça felina tão original e attrahente. Elles, que viviam sózinhos, que não tinham a quem amar, tornaram se verdadeiramente idolatras pelo animal, que lhes pagava os beneficios com caricias, dormindo-lhe no regaço, roçando-se-lhe voluptuosamente pelas pernas n'um rum, rum cadenciado, com gradações harmonicas. Com o tempo, veio a gata a ter filhos. Houve então conselho entre os dois conjuges, para saber o que se resolvera em tal assumpto. Praticar se ia a crueldade de afogar os bichinhos e de causar um tal desgosto á extremosa mãe? Nada, nem pensar n'isso era bom. E os gatos todos lá ficaram em casa.

Viviam assim socegradamente, quando o velho recebeu a noticia do fallecimento de uma irmã viuva, que deixava um filho, eté então por ella sustentado á custa de insano trabalho e que, pela morte d'aquella que lhe déra o ser, ia ficar ao desamparo.

O bom do homem nem pensou em mais nada; foi ao canto da arca buscar umas libras que lá tinha de reserva e partiu logo a buscar o sobrinho que no dia seguinte fazia a entrada na casa que d'ahi por diante viria a ser o seu unico lar. Os gatos receberam um pouco mal o intruso que vinha occupar o recinto onde elles até então tinham vivido a seu talante: bem sentiam ser de mau agouro a convivencia com um rapaz que de certo não estaria resolvido a respeitar-lhes as regalias que até então tinham tão pacatamente gosado. Bufaram-lhe, mostraram-lhe as unhas e não foram capazes de se aproximar do hospede. Este, pela sua parte, tambem não podia ver taes bichanos. Era uma antipathia instinctiva, uma corrente electrica que, atravessando-lhe o organismo, o obrigava, quando na presença de qualquer gato, a agarrar-lhe pelo pescoço e fazer lhe descrever uma curva no espaço, atirando-o a uns poucos de metros de distancia. Conhecendo contudo que os tios eram doidos pelos animaes, na sua presença ameigava-os, soffria resignadamente as arranhadellas que elles lhe davam; mas mal se achava só, era pancadaria de crear bicho.

Pouco a pouco, com as suas meiguices, foi captivando os velhos e alcançando lhes a confiança e a estima; elles que achavam o sobrinho tão bom e tão socegado, não podiam comprehender porque os gatos tanto antipatisavam com o poqueno, mas nem por isso deixavam de continuar a dar á gataria os melhores bocados de prodigalisar-lhe os maiores cuidados, apesar d'elles durante a noite perturbarem o somno a todos com um miar constante e um barulho insuportavel.

O espirito travesso do rapaz, que não se podia conformar de modo algum com este estado de coisas, descobriu um dia o seguinte meio de se ver livre da bicharia toda. Esperou que os tios sahissem e logo que ficou só reuniu os gatos n'um quarto, fechou-se por dentro, e munido de um longo chicote, principiou a zurzir a torto e a direito, gritando sempre: —Jesus! Santo Nome de Jesus!

Os gatos berravam, saltavam para um lado e para outro, escondiam-se debaixo dos moveis, mas o implacavel chicote chegava a toda a parte. Levaram a bom levar...

Quando o rapaz se sentiu cansado de bater, abriu a porta, por onde os gatos fugiram a pés de cavallo.

Durantes uns poucos de dias repetiu esta meritoria operação, e logo que a julgou capaz de produzir resultado, chegou-se confiadamente aos tios, a quem chamou á parte segredando:

—Não teem reparado como os gatos andam assim a modo de desconfiados, olhando para todos de travez?

—E' verdade, retorquiram os velhos, porque será? já notamos isso...

—E' um segredo que lhes vou contar... Mas callada... E olhando para todos os lados com mostras de susto, concluiu em voz abafada: —trazem o diabo no corpo!...

—O diabo?! Ih!... Jesu!...

—Sim, o diabo... olhem... outro dia estava eu aqui, sózinho, quando veio uma pobre pedir uma esmola. Dei-lhe um bocado de pão, e ella agradeceu resando um padre-nosso.

Pois os gatos, que se achavam na cosinha deitados muito socegradamente, mal a ouviram resar, deitaram a fugir berrando que mettia medo. Fiquei aterrado mas não ousei dizer nada. Hontem, porém, passou aqui pela porta o Santissimo que foi a casa da Rosa jornaleira, e mal elles ouviram o «bemdito», fizeram o mesmo que outro dia. Ao pronunciar-se diante d'elles o santo nome de Jesus fogem doidamente, o que é prova clara de que teem o diabo no corpo. Eu, nem caibo em mim de susto...

Os velhos mal podiam crer no que ouviam. Os seus gatinhos com o diabo no corpo!

E tinham-os tido no c'lo, e feito tantas festas. Crêdo! Mas seria aquillo verdade? Não haveria engano? Podia lá ser?!
O rapaz aventou uma experiencia que logo foi aceite.

Chamaram-se os gatos, que, saltando e miando, vieram logo collocar-se á volta dos donos.

Quando tudo estava no maior silencio, o rapaz levantando-se, ergue os braços e exclama com modos tragicos:

—Jesus! Santo Nome de Jesus!

Os gatos pensando que a isto se seguia a sóva, que diariamente estavam costumados a apanhar, correram logo para a porta, e fugiram em debandada, deixando os donos desmaiados, quasi a morrer de susto. Não havia que duvidar, era o diabo em forma de gato, que alli viéra para os perder e lançar nas negras penas do inferno. Era preciso arranjar um meio de se verem livres dos animaesinhos que não mais queriam em casa, e o animoso do sobrinho foi a providencia que lhes appareceu, encarregando-se então d'essa ardua e perigosa tarefa. No dia seguinte de manhã, muito cedo, achava-se toda a gataria dentro d'um sacco que o travesso rapaz foi logo deitar ao rio, vendo-se para sempre livre de todos os bichanos, pois os tios nunca mais quizeram em casa sombra alguma que se parecesse com um gato.

Agora, é elle o querido dos velhos, que projectam deixar-lhe tudo o que possuem, não só em reconhecimento dos carinhos que elle lhes prodigalisa, mas tambem pela razão de os ter livrado um dia, com a maior presença de espirito, do diabo que os quizera tentar.

EDUARDO DE SEQUEIRA.

Porto.

A CANDURA FEMININA

(De Catulle Mendes)

Muito mal sabem mentir!... A magoa toda dos poetas é que vós sejaes tão pouco artistas na hypocrisia, tão inhabeis na astucia. Verdade, verdade, nós, os homens, concorremos muito para isso com a nossa condescendencia; fazemos quanto é possivel por sermos as vossas victimas felizes...

Que delicioso não seria podermos acreditar nos vossos juramentos, na vossa ternura, na fidelidade dos vossos sorrisos... Nós, fechando de proposito os olhos, diligenciamos não notar a malignidade que se occulta sob os vossos diaphanos fingimentos; mas quel se ella é tão manifesta, tão palpavel! A não levarmos a nossa cumplicidade até á inverosimilhança da cegueira completa, não podemos deixar de perceber a. E no entanto, descobrir a realidade através dos vossos embustes, minhas sr.^{as}, é profundamente lamentavel!...

Eu bem sei que estas verdades amargas hão de assanhar contra mim muitas iras, muitos odios, mas embora!

Aquillo que a mulher aprecia mais scffregamente, muito mais do que todos os outros encantos que nol-as tornam adoraveis, é a velha fama, de que ninguem simula com mais finura, nem mente com mais arte!...

Encantadoras—como todas são—era mais facil convence-las de que são feias, do que faz r-lhes crer que o mais insignificante dos seus estratagemas possa ser frustrado pela perspicacia do homem.

A sua gloria mais predilecta é poderem dizer de nós «Pobresinhos... são mesmo uns imbecis!»

Pois bem: embora tenha de soffrer o supplicio mais atroz—por supplicio entendo eu o privar-me uma semana inteira de ver os vossos lindos olhos pestan-jarem de despeito—heide dizer toda a verdade!

Heide proclamar aqui, alto e bom som, com toda a ousadia do meu espirito, que seja qual for o paiz, seja em que caso for, nenhum homem dotado de mediocre bom senso se deixou jamais prender, a não ser voluntariamente, nas redes que lhe tenha armado a ingenuidade verdadeiramente deploravel da mais refinada das sansas!

Não! mil vezes não! vós não nos enganais!

Reconheço, olá se reconheço! quanto deve ser humilhante para vós o ouvir esta dura verdade; mas que quereis, se a índole da escola moderna está sendo arrancar ás almas as suas mais dilectas illu-ões...

Sabei pois que quando vós dizeis «Amo-te» nós distinguimos com uma perfeita clareza a detestavel liga que contém o curo seductor da vossa voz; e que debalde empregaes, para reforçar a a solercia das vossas palavras, as mais ternas caricias quando não é a vehemencia apaixonada, na apparencia.

Nós extasiamos nos com essa fingida paixão phrenetica, mas quando não é sincera, reconhecemos que o não é!

Accreditae que mesmo n'esses momentos de abandono, em que parece que vos daes em corpo e alma a um homem, mais de uma vez nos temos convencido—triste mas legitima convicção!—de que não conquistamos em realidade a mais pequena parcella do vosso ser.

Não accuseis os vossos amantes, ou maridos, de frieza, por conservarem, em meio das mais commoventes delicias, o espirito sufficientemente sereno para distinguirem friamente o falso do verdadeiro... oxalá que nós perdessemos a cabeça!...

Nós somos uma especie de caçadores de illu-ões. Quem de-ra que podessemos acreditar na sinceridade dos vossos carinhos... Infelizmente, porém, graças á ineptia verdadeiramente notavel dos vossos artificios, não nos é permittida a boa fé. Quando vós dizeis comvosco: «São uns embecis!», estamos nós dizendo comnosco: «Que simplorias!»

E d'este modo, lá se vae a felicidade, por que vós não sois bastantemente espertas para nos convencerdes d'ella.

E no entanto, que crueldade não é ver claro na penumbra dos que vós chamaes as vossas segundas tenções!...

Digam-me: por que não mentem com mais arte?...

Pois que me diz m, quando ellas tratam de desculpar se, quando inventam um pretexto para coonestar, por exemplo, uma ausencia suspeita, ou uma demora qualquer?... Oh! é então que ellas revelam uma pobreza de engenho incomparavel! Chegam a ser mais ingenuas do que uma creança quando se vê obrigada a justificar-se de ter comido uma caixa de pastilhas ou quebrado um boneco da sala!...

E pensar a gente, que n'este seculo desenove, em que pullulam os romances, as comedias, os centos; em que se publicam aos contos tantas aventuras onde essas creaturas inexperientes e teimosas poderiam aprender, ainda se encontram mulheres tão destituidas de sagacidade, correndo parelhas pelo que diz respeito a genio inventivo, aos innocentes cordeirinhos que balam nas campinas, que teem a desfaçatez de dizer a um homem: «Mas, meu amigo, fui ao banho» ou «Venho mesmo agora da missa» «Não posso deixar de ir á noitinha a casa da tia Mafalda que está doente» e outras que taes desculpas, é digo eu para um homem ficar banzado!...

Por quem nos tomam ellas santo Deus!...

Pois não reconhecerão—á parte a imbecilidade—que é uma impertinencia julgarem-nos tão idiotas que prestemos credito a semelhantes pataratas?

Objectar me-hão que a simplicidade d'estas desculpas é ainda um requinte de manha por contarem mais com a propensão natural que ha em admittir-se a realidade possivel do banho, da missa, ou da doença, do que por que deixem de reconhecer a imbecilidade da mentira.

...Peço perdão a tão gentis creaturas, mas ellas não têm sagacidade a tal ponto; não sabem chegar a esse grau de hypocrisia; são imbecis sem querer!

Mas dado o caso de imaginarem um pretexto verdadeiramente engenhoso, plausivel, susceptivel enfim, de suggerir em nós alguma duvida, pensam que a traição não nos seria immediatamente revelada por mil indicios que ellas não sabem occultar á nossa experiencia?...

Coitadas!... Ellas não sabem—não sabem!—que no olhar ainda ha pouco avido e buliçoso, ha agora um resto de languidez que não engana? Que o estremecimento da mão ha pouco apertada com amor, persiste sensivelmente no contacto investigador do homem ciumento?

Que na bocca e nas faces revicam reminiscencias de beijos que se extinguiram?...

Ellas flâm-se—sempre ingenuas—nas velontines, no pó de arroz, no lapis de carmim passado pelos labios e na recompostura da toilette—isto não se conhece—dizem ellas!...

Uma puerilidade que inspira dó!

Certo numero d'ellas contam com a faculdade que julgam ter de affectar com toda a perfeição attitudes honestas e rostos serenos sem se lembrarem que esse mesmo excesso de serenidade—falta lhes a noção da medida—atraiça as commoções a que se entregaram!...

Sem entrar em pormenores mais intimos ácerca de varios meios de investigação ao nosso alcance; sem enumerarmos as circumstancias diversas em que podemos lançar mão d'elles, pode assentar se como principio que, mercê da ingenuidade moral e do recato physico, proprios do seu sexo, nunca homem algum mediocremente intelligente foi trahido pela mulher ou pela amante, que essa traição lhe não tenha sido revelada—regra geral—pelo cuidado exactamente que ellas empregam em occultar!...

Ellas vão aos arcs com isto e obtemperam:

—Pois se temos esses defeitos por que não fogem das mulheres? d'essas inconstantes? d'essas creaturas manhosas?... A prova evidente de que nós vos levamos a palma em astucia é que vós continuaes a implorar de joelhos as nossas caricias e a beijar gratos e jubilosos as mãosinhas infieis beijadas já por outros. Por que não nos confundis? por que não nos detestaeis, visto conhecerdes tanto a fundo os nossos fingimentos?...

Porquê, é boal!...

Porque vos adoramos, ora ahi está!... Por que o homem mesmo o mais ciumento não póde viver apartado da mulher, ainda a mais traidora!... Por que sois bellas! por que tendes a primavera nos labios e reflexos do ceu no olhar!...

Ab! cobardes que nós somos!...

Porquê?... por que vemos e fingimos não perceber que sois destituidas de fé e de commiserção!... Sabemos e fingimos

ignorar a felicidade execranda dos nossos rivales!... Por que, trahidos, embora o desespero e amor proprio nos aconselhem a fugir não o podemos fazer por que vos amamos!...

Podem crer que não nos illudem, nós é que tentamos enganar-nos!...

A despeito da evidencia; apesar das nossas suspeitas sempre comprovadas; apesar dos vossos embustes, que são outras tantas provas, nós convenciamos não impugnar a innocencia, embora falsa, que authorisa o nosso obstinado e cego amor!...

Ah! que se não fosse a vossa belleza!... oh! como nós vos cobririamos de injurias, de improperios merecidos; e como vós nos repellirieis! Mas que quereis, se sois tão bellas e nós tão

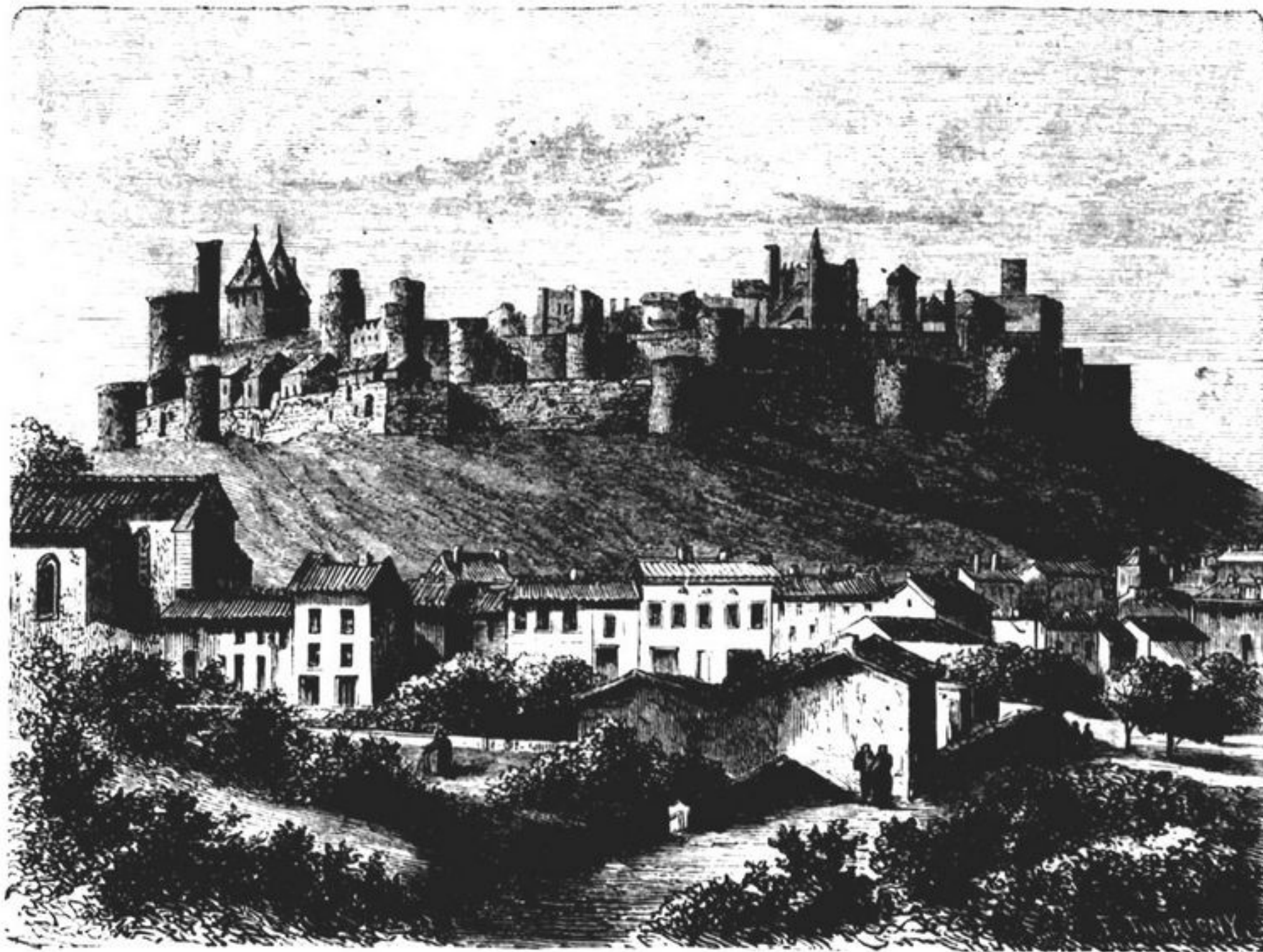
frageis!... Nós preferimos o horror de nos deixarmos a libiar, a viver sósinhos, sem vós, isolados e tristes.

E n todo o caso, tomem conta! não julguem um só momento que nós somos victimas da vossa baldade e hypocrisia!

A verdade eterna, incontestavel é que as artimanhas femininas não passam de teias de aranha que nós não rompemos por que gostamos de nos prender n'ellas.

Nós, os homens, mentimos com muito mais arte do que vós, e a prova é que conseguimos convencer-vos de que vos acreditamos!...

VIDIGAL SALGADO.



CARCASSONA

HISTORIA DE ROMA

POR VICTOR DURUY

TRADUCÇÃO DE

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

O immenso successo que obteve em Portugal e Brazil a traducção da **Historia de França**, de Henry Martin, revelou nos o entusiasmo que o publico está mostrando pelas grandes obras historicas, e por isso nos abalançamos á publicação da **Historia de Roma** de VICTOR DURUY, a obra mais importante que até a je tem apparecido na Europa.

Todos mais ou menos conhecem o nome do grande historiador francez e tem noticia d'este seu trabalho monumental. A **Historia de Roma** será adornada com

400 PRIMOROSAS GRAVURAS

sendo 150 de pagina inteira.

O formato será in-4°, o mesmo da **Historia de França**, o papel de superior qualidade e o typo completamente novo. Sairá aos fasciculos quinzenaes de 32 paginas, com cobertura de cor. Custo de cada fasciculo

120 RÉIS

ESCRIPTOBIO - Travessa da Queimada, 35, Lisboa